



O discurso jornalístico sobre as mudanças climáticas na revista Carta Capital¹

Luciana Miranda COSTA²
Camila Pinheiro Cordeiro de MIRANDA³
Layze Machado da SILVA⁴
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este artigo apresenta, sob um recorte específico, alguns resultados parciais da pesquisa “Mudanças Climáticas, Mídia Impressa e Políticas Públicas: uma análise do discurso jornalístico e sua interface com o discurso político”, desenvolvida no âmbito do PPGCOM/UFGA. Orientado especialmente pelo conceito de “formações discursivas” de Michel Foucault, o texto busca explicitar alguns dos sentidos construídos sobre as mudanças climáticas e as vozes selecionadas para falar sobre o tema. Como se verá no decorrer do artigo, foi principalmente durante a realização da 15ª Conferência de Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), realizada na Dinamarca em 2009, que a mídia produziu/reproduziu massivamente discursos sobre o aquecimento global, desmatamento na Amazônia, Protocolo de Kyoto e questões relacionadas, tornando-se a principal via de informação sobre o assunto para maioria das pessoas.

Palavras-chave

Comunicação e Meio Ambiente; Mudanças Climáticas, COP 15; Formações Discursivas; Carta Capital.

Introdução

Desenvolveu-se, a partir de 1972, com a Conferência de Estocolmo⁵ e, especialmente após a Rio-92⁶, uma preocupação global voltada à relação “homem e

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Profa Dra da Pós-Graduação em Comunicação, Ciência e Amazônia da UFGA e Pesquisadora do CNPq. Email: lmiranda@ufpa.br;

³ Graduanda do 5º semestre Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará e bolsista de iniciação científica do CNPq. Email: camilapmiranda@gmail.com

⁴ Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade da Universidade Federal do Pará e bolsista de iniciação científica do CNPq. Email: layzesilva@ymail.com

⁵ “Em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, também conhecida como Conferência de Estocolmo, foi o pontapé inicial rumo ao comprometimento das nações para um desenvolvimento mais sustentável. A conferência introduziu conceitos que se tornariam a base de futuras discussões, contribuindo para que o meio ambiente conquistasse, de fato, atenção internacional”. Fonte: <http://www.respostassustentaveis.com.br/blog/estocolmo-o-pontape-inicial-para-a-sustentabilidade/>

⁶ “Cerca de 180 chefes de estado e de governo se reuniram no Riocentro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) ou Cúpula da Terra. Segundo a ONU, nove mil jornalistas de todo o mundo se credenciaram para acompanhar as discussões sobre desenvolvimento sustentável, que tinham sido iniciadas em 1972, na Conferência de Estocolmo, da qual resultou na Declaração de Estocolmo. Segundo especialistas, a Rio 92 consolidou uma agenda global para o meio ambiente”. Mais informações em: <http://oglobo.globo.com/economia/rio20/o-que-foi-rio-92-4981033#ixzz2rciOfLc1>



meio ambiente”. A mídia vem assumindo, neste contexto, o papel institucional que lhe compete de informar e repercutir junto à opinião pública, o que os países, por meio de negociações internacionais, têm decidido sobre as ações necessárias para amenizar as mudanças climáticas. No entanto, o que vem sendo observado nos últimos anos é que a cobertura feita pela mídia não é satisfatória no que tange à explicitação das causas e consequências das mudanças climáticas, sendo, portanto, insuficiente para promover um real entendimento sobre o tema. (COSTA,2010).

Este artigo tem por objetivo principal analisar a revista semanal, de circulação nacional, Carta Capital, que possui parceria com a revista inglesa *The Economist*, da qual, semanalmente, reproduz artigos e, mensalmente, cadernos. Foram analisadas matérias jornalísticas com temas como aquecimento global, mudanças climáticas, Protocolo de Kyoto e IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*), publicadas em 2009. Neste ano ocorreu a 15ª Conferência de Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 15), na qual se aguardava um acordo internacional que substituiria o Protocolo de Kyoto (acordo internacional que objetivava a redução dos gases-estufa⁷ na atmosfera), que estava prestes a expirar. Deste modo, o presente trabalho busca investigar, a partir de um recorte específico e com ênfase para as fontes utilizadas pela revista para construir seu discurso acerca das mudanças climáticas, como o discurso da mídia impressa brasileira se estruturou em relação ao tema, levando-se em consideração a importância dada a ele nas últimas décadas.

A mídia tem um importante papel na contemporaneidade como principal agente social de divulgação e socialização de informações.

O jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações. (TRAQUINA, 2005, p. 129).

O principal referencial teórico e metodológico utilizado na pesquisa como um todo encontra-se em teorias sociológicas e filosóficas (p.x.: BOURDIEU, 1989; FOUCAULT, 2009), do Jornalismo (p.x.: TRAQUINA, 2005; PINTO, 1999) e da Análise do Discurso de vertente francesa (p.x.: PÊCHEUX, 1995; BRANDÃO, 2004),

⁷ “Os gases do efeito estufa envolvem a Terra e fazem parte da atmosfera. Estes gases absorvem parte da radiação infra-vermelha refletida pela superfície terrestre, impedindo que a radiação escape para o espaço e aquecendo a superfície da Terra”. Fonte: http://www.institutocarbonobrasil.org.br/mudancas_climaticas/gases_do_efeito_estufa



entendendo-se as relações sociais como sistemas simbólicos estruturados e estruturantes da realidade.

Os "sistemas simbólicos", como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). (BOURDIEU, 1989, p.9).

Deste modo, compreende-se o discurso como um campo de forças e de "produção cultural" (BOURDIEU, 1993), no qual os agentes e instituições que o configuram, por meio do capital simbólico⁸ internalizado, disputam o poder de representar o mundo social. A Análise do Discurso de vertente francesa ajuda a orientar a análise do *corpus* da pesquisa como um todo, observando-se que o sentido de uma palavra ou expressão não pode ser buscado apenas nelas, mas nas construções ideológicas e sociais que as cercam, sendo estas, para Pêcheux, a base do sentido do discurso, e inclusive, a nosso ver, do discurso jornalístico, que será analisado a seguir. “A imprensa atuaria como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes” (BOYCE, 1978, p. 21, apud TRAQUINA, 2005, p. 129).

As palavras, expressões, proposições... Mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é em relação às formações ideológicas⁹. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

A COP 15

A Dinamarca, em 2009, foi palco da 15ª Conferência de Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), a qual reuniu 193 países, dos quais, 75 fixaram metas para a redução dos gases do efeito estufa¹⁰.

⁸ “O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio”. (BOURDIEU, 1989, p. 145)

⁹ “As formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que se pode e se deve dizer (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 102-103).

¹⁰ “75 países fixaram meta de emissão de gases-estufa para 2020, diz ONU.” Fonte: <http://g1.globo.com/noticias/ciencia/0,,mul1552132-5603,00-paises+fixaram+meta+de+emissao+de+gasesestufa+para+diz+onu.html>. Acesso em: 21 jan. 2014.



O período no qual ocorreu a conferência foi propício para fomentar expectativas em torno do fechamento de acordos sobre mudanças climáticas, isso levando em consideração a reformulação do discurso sobre as mudanças climáticas por parte dos Estados Unidos da América (USA) – um dos maiores poluidores do mundo –, e tendo em vista a saída de George W. Bush e a entrada de Barack Obama na presidência dos USA. Esperava-se também um acordo que substituiria o Protocolo de Kyoto, o qual estava prestes a expirar.

No entanto, os acordos fechados na Conferência de Copenhague não foram satisfatórios no que se refere a sua força de implementação e abrangência. A mídia, por sua vez, ocupou um papel de grande importância nesse contexto, produzindo/reproduzindo discursos acerca da temática e reproduzindo o sentimento de frustração com os resultados da COP-15 (“... está acabando melancolicamente”).

Este ano a COP foi em Copenhague, capital da Dinamarca, país que sonhava em entrar para a história como o anfitrião de um acordo abrangente que substituísse o Protocolo de Kyoto, acordado em 1997 na [COP 3](#), sediada na cidade japonesa. (MUNIZ, R. Sonho dinamarquês de virar ‘capital ambiental’ do mundo torna-se pesadelo. G1, São Paulo, 19 dez. 2009)

A Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas está acabando melancolicamente. O ["pré-acordo" fechado nesta sexta-feira](#), em Copenhague, foi o "pior da história", disse o delegado sudanês, Lumumba Stanislas Dia-Ping, cujo país preside o G77 (130 países em desenvolvimento). (G1. COP 15 propõe o 'pior acordo da história', acusa representante de nações pobres. G1, São Paulo, 18 dez. 2009).

Aquecimento Global: quais são as vozes que podem “falar”?

A revista Carta Capital, nosso objeto de análise, utilizou como fonte de informação, principalmente, pessoas ligadas à governos: Barack Hussein Obama, Presidente dos Estados Unidos; Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil e George W. Bush, Ex-presidente dos Estados Unidos. Além das fontes governamentais, as instituições mais citadas nas matérias estavam ligadas a órgãos de pesquisa: Universidade de São Paulo (USP) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), elucidando o teor científico presente no discurso jornalístico; e órgãos políticos, como a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC), e o Congresso dos EUA.



Tomando-se operacionalmente o conceito de “formações discursivas”, (FOUCAULT, 2008), entendido como uma “ordem, correlação, funcionamento e transformação, regida por um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e seu fechamento” (AZEVEDO, 2013, p.8), foi possível verificar que a revista construiu seu próprio discurso a partir de três formações discursivas principais: a científica, a política e a econômica.

A necessidade e a urgência de ações efetivas de combate às causas do aquecimento global são unanimidade entre autoridades governamentais, lideranças empresariais e ambientalistas. (DOBES BACARJ, C. Consciência Vs. Ação. Carta Capital, 21 out. 2009, p.38).

Mas a pergunta fundamental é: quanto a terra consegue suportar antes que a vida humana se torne inviável em nosso planeta? Um dos coordenadores do estudo, Diana Liverman, da Universidade do Arizona e também da Universidade de Oxford, explica que o principal intuito desse manifesto é estimular estudos que identifiquem até quanto nosso planeta pode aguentar nossas trapalhadas e como interromper esse processo antes que seja tarde demais. (TUMA, R. Antropoceno, a era da destruição. Carta Capital, 30 set. 2009, p.73).

A preocupação das empresas, segundo ele, está em saber quais serão as novas bases para o desenvolvimento de suas atividades, os impactos das mudanças, os novos marcos regulatórios, tais como as condições de formação de capital intelectual, os modelos de financiamento, de inovação e desenvolvimento de tecnologias. (DOBES BACARJ, C. Consciência Vs. Ação. Carta Capital, 21 out. 2009, p.38).

Há 30 anos, controlar emissões nos rios e na atmosfera representava, para os executivos, uma chateação a mais, a desviar a atenção dos negócios. A atitude era reativa e defensiva. Porém, com o tempo, os executivos perceberam que sujar o ambiente gerava custos, e que controlar emissões e economizar energia poderia gerar lucros. Com isso, vieram os investimentos em controle ambiental e a consciência de que o comportamento sustentável pode ser bom para os negócios. (WOOD JR., T. Moda Verde, Carta Capital, 11 nov. 2009, p.80).

Nota-se nas citações acima, a referência a universidades (Arizona e Oxford), aos empresários e ao novo padrão de comportamento a ser adotado por eles em relação ao meio ambiente (“comportamento sustentável pode ser bom para os negócios”) e aos três principais agentes envolvidos com o problema do aquecimento global: “autoridades governamentais, lideranças empresariais e ambientalistas”, que se tornaram fontes constantes da revista e base para construção do discurso jornalístico.



Isso também aponta a não presença de outras formações discursivas (como as relacionadas aos discursos de trabalhadores rurais, indígenas ou ribeirinhos), que poderiam concorrer no processo de produção de sentidos. Temos, por assim dizer, determinados os limites tanto do silêncio (o que não se disse) quanto dos enunciados emitidos (os ditos).

Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p. 73-74)

Dessa maneira, o caráter predominantemente político, econômico e científico dos sentidos que sobressaem dos enunciados emitidos por Carta Capital nos aponta para algumas subtemáticas, como veremos a seguir:

Mudanças Climáticas Globais: O Apocalipse Anunciado

O discurso da revista Carta Capital a respeito das mudanças climáticas se constrói, sobretudo, em torno das conseqüências que tais mudanças trazem às condições de vida do homem no planeta, destacando-se, dentre tais conseqüências, a escassez de comida e água. Acerca disso, a revista destaca a necessidade de um “clamor” por atitudes que coíbam tais infortúnios. Para tanto, Edward McBride, correspondente de energia e meio ambiente da *The Economist*, escreveu:

Enquanto isso, o clamor de que o aquecimento global já está em andamento e que mais precisa ser feito para preveni-lo, vai ficar ainda mais alto. (MCBRIDE, E. Lutando Pelo Planeta. Carta Capital, jan. 2009, p. 140).

O clamor por ações que reordenem a sociedade prevenindo e reparando o aquecimento global, mantendo a vida na terra, torna-se cada vez mais forte, de acordo com o discurso reproduzido pela revista. Nesse contexto, John Holmes, Subsecretário-Geral para Assuntos Humanitários e Coordenador de Auxílio de Emergências da ONU, fala sobre a relação de causa e conseqüência entre as mudanças climáticas e as catástrofes mundiais, atribuindo àquelas a responsabilidade por essas.

Qualquer visão crível do futuro deve reconhecer que as necessidades humanitárias estão aumentando. A mudança climática será o principal indutor. Agora, nove em cada dez desastres atuais têm relação com o clima. (HOLMES, J. Mais ajuda, por favor. Carta Capital, New York, jan. 2009, p. 146).

Então, seja bem-vindo ao ‘novo normal’ das condições climáticas extremas. A mudança climática pode muito bem exacerbar a fome crônica e a desnutrição em uma boa parte do mundo em desenvolvimento. E ela quase certamente vai precipitar batalhas sobre recursos. (HOLMES, J. Mais ajuda, por favor. Carta Capital, New York, jan. 2009, p. 146).

O discurso produzido/reproduzido por Carta Capital sobre as mudanças climáticas constitui-se em um tom de alerta global. Por meio deles, reproduz-se a ideia de que, caso não sejam assinados acordos que estabeleçam restrições ao aquecimento global, o mundo padecerá com fome e sede, evidenciando, nisso, seu teor apocalíptico. É o que pode ser percebido na matéria “Antropoceno, a era da destruição”, na qual Johan Rockstrom, da Universidade de Estocolmo, fala que se “respeitarmos teremos ainda séculos e séculos de feliz existência”, caso contrário, o fim estará próximo.

Johan Rockstrom, da Universidade de Estocolmo, coordenador do estudo, acredita que o manifesto dá números cruciais que podem ser utilizados nos acordos antipoluição entre nações e avisa que, se não agirmos longe desses limites já conhecidos, o fim estará próximo. Mas se os respeitarmos teremos ainda séculos e séculos de feliz existência. (TUMA, R. Antropoceno, a era da destruição. Carta Capital, 30 set. 2009, p.73).

As manchetes das matérias publicadas na revista ratificam essa ideia de urgência: “Mais ajuda, por favor” (Janeiro, 2009); “Um alerta da Água” (Janeiro, 2009); “Lutando pelo Planeta” (Janeiro, 2009); “Mais bocas, menos comida” (Fevereiro, 2009). Nessa perspectiva, o artigo de opinião “Mais bocas, menos comida”, associa as mudanças climáticas à escassez da água e do solo, comprometendo a produção de alimentos.

De acordo com a organização internacional, a produção mundial de cereais permanece estagnada e a de pescados tem diminuído progressivamente. Além disso, uma combinação de fatores relacionados às mudanças climáticas, à degradação gradativa do solo e à escassez de água deve comprometer as lavouras e a criação de animais nos próximos anos. (CC. Mais bocas, menos comida. Carta Capital, 25 fev. 2009, p. 15).



Já na reportagem “As maiores vítimas”, originada da revista inglesa *The Economist*, o aquecimento global é representado como força motriz de catástrofes: inundações, secas e derretimento das geleiras.

O aquecimento global parece acelerar o ciclo hidrológico da Terra, causando ao mesmo tempo inundações e secas (mais chuva em períodos mais curtos, com intervalos maiores entre eles). Além disso, ao derreter as geleiras, o aquecimento global reduz a capacidade de armazenamento da natureza. Dois terços da água doce do mundo estão armazenados nas geleiras. Sua fusão deixa os agricultores dos países pobres com menos proteção contra a mudança do clima e dos padrões de chuvas. (CC. As maiores vítimas. Carta Capital, 30 set. 2009, p.68)

A emissão de gases-estufa na atmosfera é uma das causas do aquecimento global. O Brasil é o quarto país que mais emite esses gases, sendo este um dos motivos pelos quais o país figura em lugar de destaque perante as demais nações em acordos em prol do meio ambiente. Exigem-se, nesse sentido, tanto no meio científico quanto no meio político, atitudes referentes à contenção desses gases. Nos trechos abaixo, nota-se a importância dada pela revista à redução dos gases-estufa, levando em consideração que estes são os maiores responsáveis pelo aquecimento global.

O Brasil figura atualmente como o quarto país que mais emite gases de efeito estufa na atmosfera. A nada honrosa posição se dá principalmente pela degradação florestal. Se o país conseguisse zerar o desmatamento e as queimadas, principalmente na Amazônia, passaria a figurar em 14º lugar. Ou seja, uma posição muito menos agressivas ao meio ambiente e mais favorável ao desenvolvimento de uma economia de consumo de baixo carbono. (MARCONDES, D. Tropeços na rota para Copenhague. Carta Capital, 10 jun. 2009, p.36).

A maioria das pessoas concorda que, para evitar uma catastrófica mudança climática, será preciso reduzir o nível de dióxido de carbono (CO₂) produzido pelo homem na atmosfera. (CC. Para Limpar os Céus. Carta Capital, 18 mar. 2009, p. 15).

Essas emissões, por sua vez, são atribuídas à sociedade que sofrerá futuramente com o seu resultado: catástrofes. No artigo de opinião “Mais ajuda, por favor”, Holmes retrata essa representação ao falar que “estamos criando um castelo de cartas” ao mal utilizar os recursos naturais, gerando gases do efeito estufa, podendo significar para tempos futuros “uma catástrofe humanitária”.

Nenhuma nação, rica ou pobre, está isenta do potencial destrutivo da natureza. Mas a natureza não é o verdadeiro problema. Nós é que somos. Seja por meio de emissões de gases de efeito estufa perigosamente altas, seja pelo esgotamento de recursos essenciais, seja



pela urbanização irresponsável, estamos criando um castelo de cartas que pode significar uma catástrofe humanitária para milhões. (HOLMES, J. Mais ajuda, por favor. Carta Capital, *New York* jan. 2009, p. 146).

O aquecimento global passa a ser representado como uma questão de segurança, como pode ser percebido em uma entrevista com o vencedor do Prêmio Nobel da Paz, Mohan Munasingh, vice-presidente do IPCC, feita por Márcia Pinheiro, repórter de Carta Capital. Segundo ele, as mudanças climáticas podem resultar em mortes, fome, escassez de alimento, água e energia.

“CC: O senhor costuma dizer que o aquecimento global é uma questão de segurança. Por quê? – MM: É uma questão de segurança porque há ameaças que podem mudar para pior o estilo de vida da população mundial e até resultar em mortes. Há bilhões de cidadãos pobres no planeta. As Mudanças climáticas provocarão uma série de crises: pobreza, escassez de alimentos, de água, de terra e de energia. A população mundial será obrigada a lutar por esses recursos. Teremos ainda uma redução adicional nas terras, por causa do aumento do nível do mar. Quando se elevar de maneira significativa, haverá centenas de milhões expulsos de suas casas. Serão os refugiados do meio ambiente. Ocorrerão tempestades de grande agressividade, o que provocará migrações em massa de desabrigados. Esta é a questão de segurança ainda não levada a sério como deveria”. (PINHEIRO, M. A Bolha do Clima. CartaCapital, 15 abr. 2009, p.50).

A Amazônia, no entanto, não obteve grande enfoque pela revista Carta Capital no ano de 2009, muito embora, fosse representada como uma das mais afetadas pelo aquecimento global, podendo, entrar em um processo de “savanização” decorrente do desmatamento, conforme observa-se no trecho abaixo:

Na Amazônia, o cenário poderá ser devastador, confirmada a expectativa de uma elevação de até 8° C na temperatura média da região. A estimativa neste caso é de mais longo prazo: em 2100, por causa da redução das chuvas e o menor fluxo de água nos rios, o bioma amazônico correrá o risco de entrar em colapso, com a redução em até 40% em sua cobertura florestal. Essas microrregiões serão marcadas por um processo de “savanização”, com um impacto direto na biodiversidade e nas condições de vida das populações ribeirinhas (CINTRA, L. A, Antes que o sertão vire deserto, Carta Capital, 02 dez. 2009, p. 57).

Conclusão

A partir do recorte analítico feito para revista Carta Capital, referente à temática mudanças climáticas no ano de 2009, foi possível perceber que o discurso jornalístico produzido e reproduzido sobre o tema tem como base principal as fontes políticas



estrangeiras e órgãos governamentais. Isso se justifica pelas “formações discursivas” (FOUCAULT) predominantes (políticas, científicas e econômicas) e pela constante reprodução de artigos e matérias da revista inglesa *The Economist*, que dá o caráter internacional às matérias analisadas, além de um constante tom de “alerta global” sobre as consequências do fenômeno. Observou-se, desta forma, a não presença de outras formações discursivas (como as relacionadas aos discursos de trabalhadores rurais, indígenas ou ribeirinhos), que poderiam concorrer no processo de produção de sentidos nos textos noticiosos.

Carta Capital pouco abordou os impactos no Brasil, sobretudo, na Amazônia, das mudanças climáticas, reservando um espaço pouco significativo em suas páginas para região e restringindo-se a focar, neste caso, um possível processo de savanização (CINTRA, L. A, Antes que o sertão vire deserto, Carta Capital, 02 dez. 2009) e a responsabilidade dos agentes sociais com atividades econômicas na Amazônia pela emissão de gases-estufa liberados na atmosfera por meio do desmatamento (MARCONDES, D. Tropeços na rota para Copenhague. Carta Capital, 10 jun. 2009).

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. **Mercado simbólico: interlocução, luta, poder – um modelo de comunicação para políticas públicas.** Programa de pós-graduação em comunicação e cultura – Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Mimeo.

_____. **A reconversão do olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

BARBOSA, G. C. Sob as brumas da inquietude niilista – indústria cultural e o esmaecimento da essência do ser. In: **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo.** Orgs: ENDO, A. C. B; MELO, J. M. de; GOBBI, M. C. São Paulo: Universidade Metodista, 2004.

BARROS FILHO, C. de & MARTINO, L. M. S. **O habitus na comunicação.** São Paulo: Paulus, 2003.

BARROS, D. L. P de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação.** In: Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs.). 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico/** Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que falar Quer Dizer.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.



CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer/** Trad: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, L.; CUNHA, K.; SILVA, K. **A utilização das fontes na construção da notícia: Uma análise do discurso das revistas Veja e Carta Capital sobre as mudanças climáticas.** In: Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental, 04, 2011. **Anais.** Aracajú. Universidade Federal de Sergipe. CD ROM.

COSTA, L. **As Mudanças Climáticas na pauta da mídia impressa brasileira: informação e desinformação na construção de políticas públicas para a Amazônia.** Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Maio de 2010. Mimeo.

COSTA, L.; CUNHA, K; VELLOSO; B. **A COP-15 e o Discurso dos Jornais Brasileiros: quem afinal pode falar sobre a Amazônia?.** Artigo submetido ao VI Encontro Nacional da Anppas – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, a ser realizado entre os dias 18 a 21 de setembro de 2012, em Belém – PA.

_____. **Quando as fontes são de lá: o discurso jornalístico dos jornais OESP e FSP sobre desmatamento durante a COP15.** Artigo submetido ao XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a ser realizado entre os dias 3 a 7 de setembro de 2012, em Fortaleza – CE.

COSTA, L. **Palavras Verdes: análise discursiva da cobertura da imprensa sobre meio ambiente (2002-2006).** Relatório Técnico. CNPq, Setembro de 2008. Mimeo.

_____. **Comunicação e Meio Ambiente: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia.** Belém: UFPA/NAEA, 2006a.

_____. O esverdeamento da imprensa. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina.** V.III, n.2, 2º semestre de 2006b, p.41-54.

ERBOLATO, M. **Dicionário de propaganda e jornalismo.** São Paulo: Editora Papirus, 1985.

FERREIRA, L. da C. F. **A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 1998.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FURRIELA, Rachel Biderman. **Introdução à mudança climática global: desafios atuais e futuros.** Santarém: IPAM, 2003.

GANS, H. **Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, News, Newsweek and Time.** New York: Pantheon Books, 1980.

HAROCHE, CLaudine ; HENRY, Paul ; PÊCHEUX, Michel. **La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours.** Langages. Paris, número 24, p. 93-106, 1971

HISSA, Eduardo Viana. **Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia/** Trad.: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.



MARTINO, L. M. S. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 5ª Edição, 2003.

_____. **As Formas do Silêncio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hackers Editores, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Apresentação da análise do discurso**. S. J. R. Preto - SP, Glotta, 12: 45-59, 1990. RABAÇA, C.A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro, 2001.

RAMOS, L. F. A. **Meio Ambiente e Meio de Comunicação**. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

SPINK, M. J. P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

STEINBRENNER, R. A. **Dimensões discursivas das mudanças sócio-ambientais na Amazônia: Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana**. In: VI Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, 2007, Belém. Anais... Belém, UFPA: 2007. p.1-3.

TRIGUEIRO, A. Meio Ambiente na Idade Mídia. In: **Meio Ambiente no Século 21**. André Trigueiro (Coord.). Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 4ª ed., 2005, p.75-89.